encucado

junho/julho
2001
nº um

Encucado é um periódico informativo do CUCA/UNE.

Nesta edição:

CUCA's: 1º Seminário do CUCA - 3
Teatro: O teatro para a política, política para o teatro - 4
Artes Visuais: Trouxas - 5
Música: "Profissão Ladrão" - Tom Zé - 6
Literatura: A nação hip hop no Teatro de Arena - 6
Indicações bibliográficas - 6
Manifesto: EXVS - Experiência Vigilância Sanitária - 7
Arte-Educação: Não entendi... - 8

Capa baseada na Trouxa 04 do artista plástico Marepe.

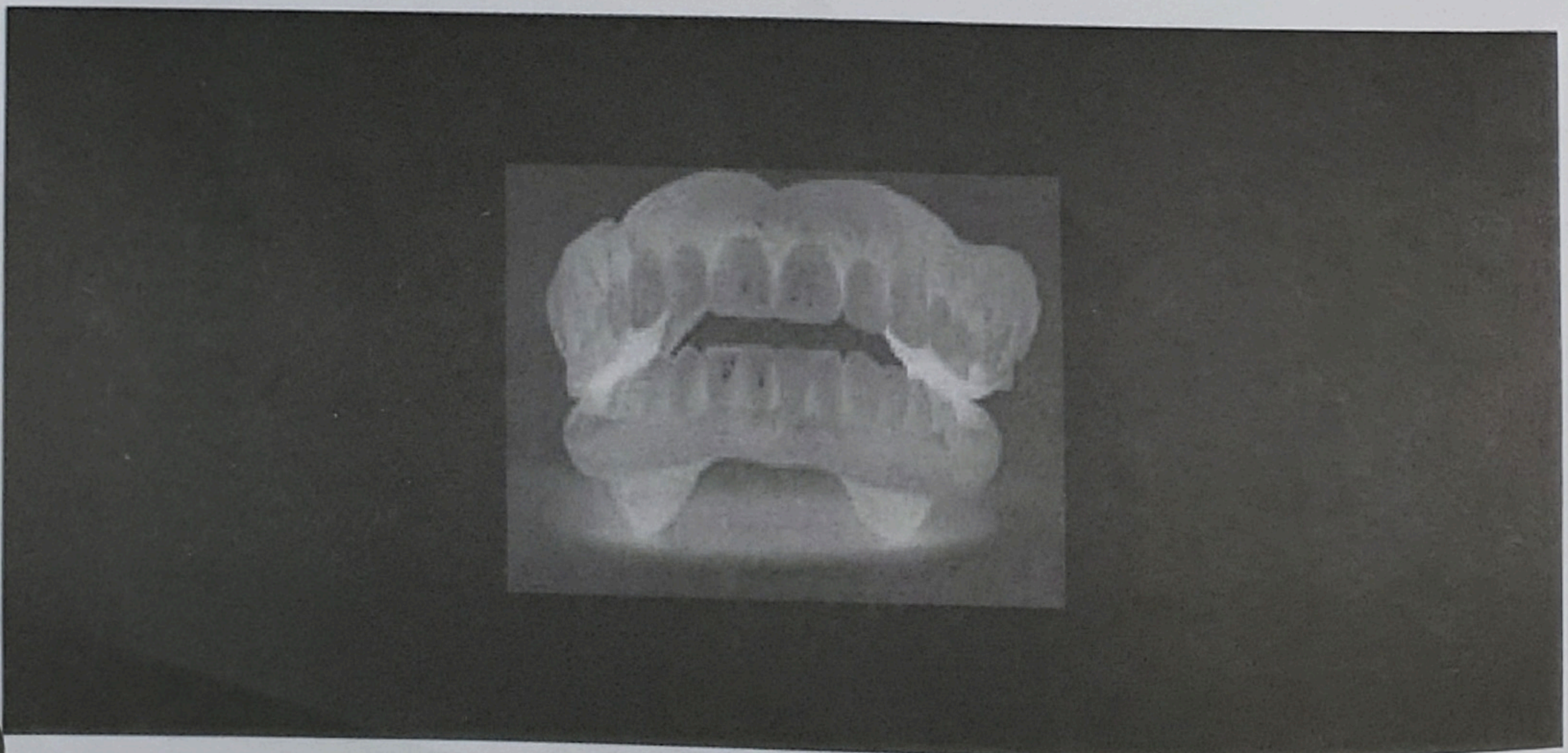
Textos cumpadi Ernesto, cumpadi Luís, Tininha, Priscila Lolata e Kelly Teixeira.

Arrumação Visual Kelly Teixeira

Tiragem 4.000 exemplares

Créditos
pág. 2 - inteferência sobre detalhe da obra "A gula ou a luxúria - Versão I" da artista Lygia Pape
pág. 4 - "In Absentia M.D." - Regina Silveira
pág. 5 - Trouxa 04 - Marepe; "Trouxa Ensangüentada" - Artur Barrio
pág. 8 - "Convite ao raciocínio" - Waltércio Caldas

expediente



1º Seminário

centro universitário de cultura arte

Dando inicio a um debate mais específico sobre os direcionamentos do CUCA, aconteceu o 1º Seminário do CUCA nos dias 18, 19 e 20 de maio em São Paulo.

Participando cerca de 100 pessoas vindas de 12 estados brasileiros, conseguimos dar um rumo, um direcionamento à proposta do movimento. A necessidade de buscar um trabalho mais contundente na área político-social entre os participantes, era notável.

Nos diversos debates o tema foi abordado, como a estética do teatro político por Sérgio de Carvalho (Cia. do Latão), que fez considerações de extrema importância relatando historicamente peças nacionais e a importância do processo relacionado à imagem abordada em uma cena, por exemplo. O cuidado para não estereotipar a visão da realidade que se quer retratar. Não construir cenas clichês, mas provocar o raciocínio, a reflexão a divisão da platéia.

Na discussão sobre a inserção de C&T dentro de um circuito de cultura e arte, foi colocado por Angélica Muller (PET - RS e Coordenadora de C&T da 2ª Bienal da UNE), com base na ótica do sociólogo Boaventura de Souza Santos:

"C&T deve aproximar-se mais de um 'senso comum estético', deixando de lado um pouco da rigidez mecanicista e aproveitando, desta maneira, elementos como a retórica, 'esquecidos' pelo paradigma dominante. Neste novo padrão proposto por Boaventura, é imprescindível que o conhecimento gerado no âmbito acadêmico passe a circular fora dele, que possa ser aproveitado por uma parte da sociedade que é marginalizada, excluída. Neste sentido é que pensamos a inclusão da Ciência e Tecnologia num circuito de cultura e arte, como um momento para realizarmos uma 'interferência cultural'."

A ênfase dada pelo artista plástico Newton Goto à arte política, fazendo referências a artistas como Marcel Duchamp, Cildo Meireles e Hans Haacke, mostra a força que pode ter a arte contextualizada neste âmbito e o cineasta Manoel Rangel complementou ainda colocando a necessidade da diversidade cultural para não gerar monopólio.

O Movimento Estudantil se expressou através de Danilo Moreira (diretor da UNE e Coordenador Geral da 2ª Bienal) mostrando o reconhecimento da importância da atuação cultural contínua no ME e a necessidade do CUCA para nossa cultura exemplificando o Lado C da 2ª Bienal como a troca de experiência fundamental entre universidade e comunidade.

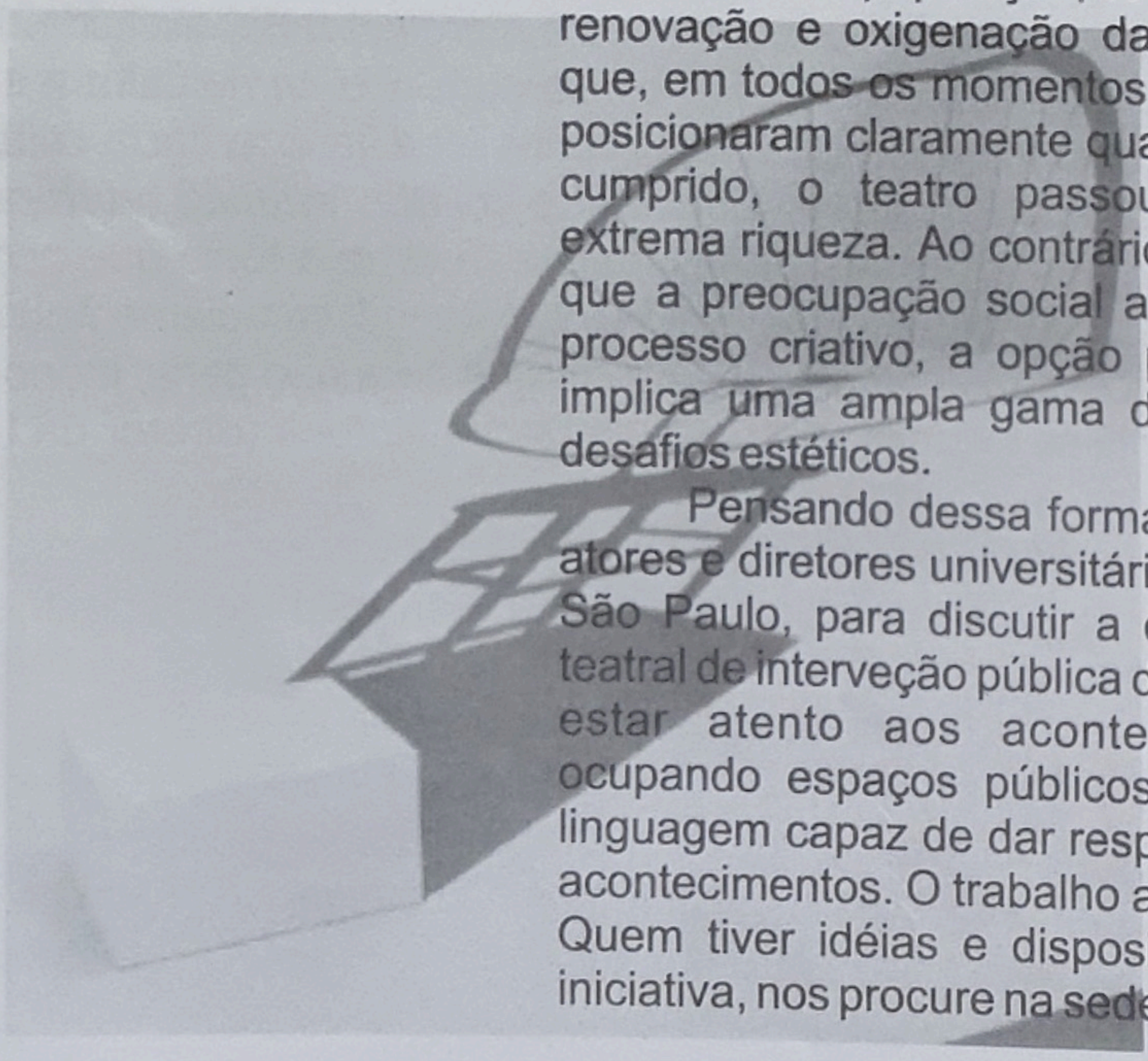
Portanto, a necessidade de uma produção mais progressista e contundente na postura política social foi evidente nas colocações de palestrantes e participantes. Em busca dessa atuação, não podemos esperar por nada, temos que agir conforme os acontecimentos e situações absurdas que coibi o raciocínio e o entendimento. Seca a sensibilidade do ser e faz com que até os que poderiam ter acesso a elementos não alienantes, não consigam distingui-los

Priscila Lolata.

O teatro para a política, política para o teatro

A mesa de debates " Produção Teatral: do Artezanato à Indústria Cultural", realizada durante a 2ª Bienal da UNE, no Rio de Janeiro, foi o ponto culminante de uma reflexão sobre a área, que vinha sendo realizada durante todo o processo de organização do evento. Contou com a presença de alguns dos maiores nomes do teatro nacional: Aimar Laback, dramaturgo e menbro do Movimento "Arte Contra a Barbárie", Guti Fraga, diretor do grupo do Vidigal "Nós do Morro", Sérgio de Carvalho, diretor da "Companhia do Latão", Francisco Milani, ator e Augusto Boal, diretor do "Centro de Teatro do Oprimido". A tônica do debate foi sobre a função social do teatro no cenário nacional. Foi observada a distância entre a produção teatral atual e o papel de intervenção na realidade, que continuadamente o teatro vem perdendo.

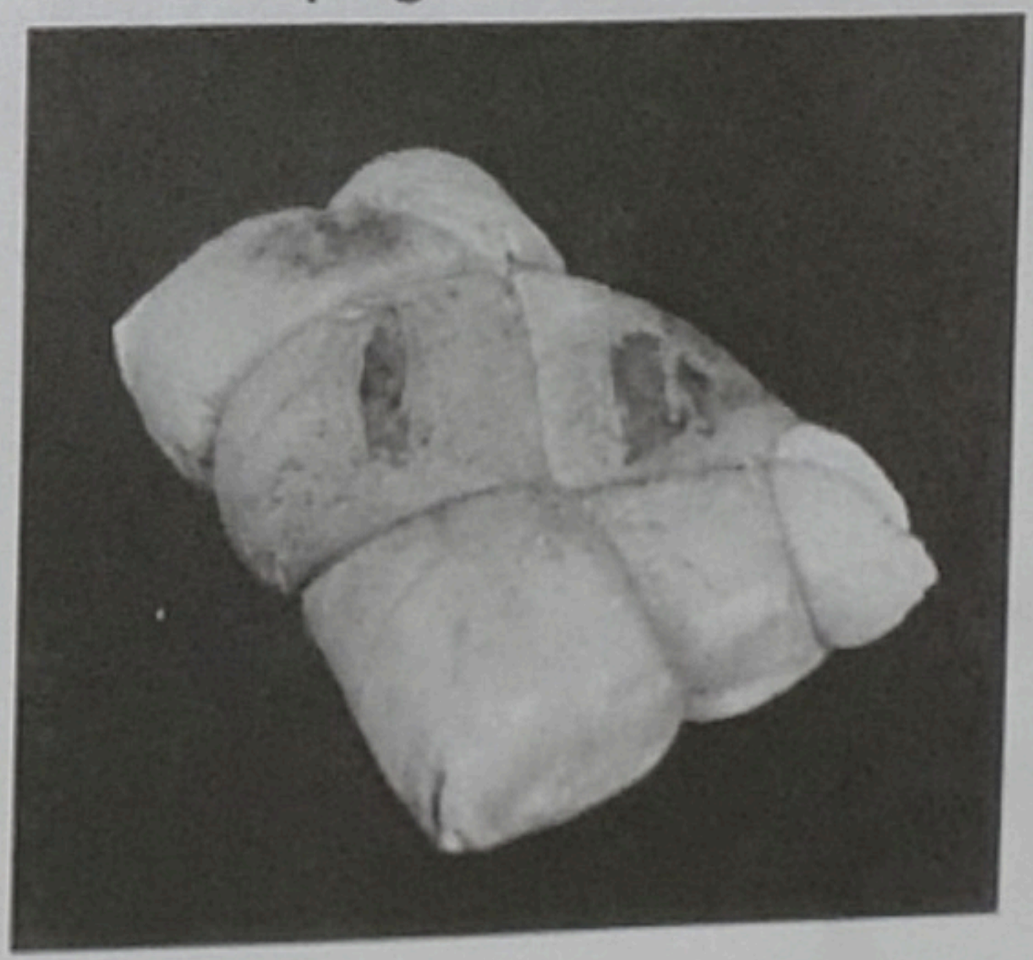
No 1º Seminário de Organização do CUCA, acontecido em São Paulo nos dias 18, 19 e 20 de maio, Sérgio de Carvalho voltou a apontar a necessidade de um teatro pautado pelos problemas reais da nossa população, como uma das formas de renovação e oxigenação da linguagem. Lembrou que, em todos os momentos em que os artistas se posicionaram claramente quanto a este papel a ser cumprido, o teatro passou por momentos de extrema riqueza. Ao contrário do que se supõe, de que a preocupação social acaba estrangulando o processo criativo, a opção por um teatro político implica uma ampla gama de experimentações e desafios estéticos.



Pensando dessa forma, um grupo de jovens atores e diretores universitários tem se reunido, em São Paulo, para discutir a criação de um núcleo teatral de interveção pública do CUCA. A idéia é a de estar atento aos acontecimentos nacionais, ocupando espaços públicos e pesquisando uma linguagem capaz de dar respostas teatrais a esses acontecimentos. O trabalho ainda está se iniciando. Quem tiver idéias e disposição para particiar da iniciativa, nos procure na sede da UNE.

Trouxas

Ao se pensar em um movimento que tenha como preocupação abrir espaços e promover um intercâmbio entre os artistas universitários, preocupa-me a concretização de tal projeto e se isso seria realmente uma atitude democrática quando o próprio conceito de democracia parece ter uma série de interpretações.
Se a problemática atual na vida dos artistas plásticos que produzem nos meios de ensino superior do país é a falta de espaço e os atuais critérios de seleção dos salões, o problema passa a ser do governo, temos ai um monte de artistas desempregados.O artista é um profissional como um dentista ou um pedreiro.
Acredito que a grande questão não seja abrir espaço para tudo e para todos mas, pensar em que tipo de arte que valorizaríamos e, ai então, temos um problema estrutural. Assim necessitaríamos criar um sistema de seleção para decidir quais obras e quais artistas fariam parte do projeto. Mas isso não seria um método semelhante aos critérios dos salões? E se assim não fora, voltaríamos ao inicio da questão. Sobre a questão dos espaços de arte outro ponto crítico aparece. O que fazer, invadir os espaços existentes, esperar que se criem novos espaços ou refletir nossos conceitos em relação ao poder das instituições em afirmar o status de arte ao objeto?
As trouxas de Barrio e Marepe possuem pra mim uma semelhança enquanto objetos de simplificação formal, feitas com materiais de fácil aquisição. E diferentes quando analisamos cada uma inserida em seu contexto histórico, Barrio com as trouxas ensangüentadas confrontando a repressão da ditadura militar e Marepe com a trouxa 04 com uma alusão ao bóia fria nordestino, região onde nasceu o artista. O objeto de arte nos dá essa possibilidade infinita de interpretação e associação, muitas podem ser lúcidas e muitas outras caducas. Entretanto é inegável o caráter social embutido em ambos os trabalhos.
Aí detectamos um elo que não se resume às questões formais. Temos em comum uma gama de assuntos a serem tratados. Na 2ª Bienal de Cultura da UNE, na mesa "Artes Plásticas: Industria Cultural e Experiência Artística" uma pergunta direcionada ao artista plástico Cildo Meireles, culminou em uma resposta esclarecedora para um caminho a ser seguido. Ao ser questionado sobre os rumos da produção dos jovens artistas brasileiros, o artista respondeu, dando uma série de dados que explanavam os absurdos de nosso tempo como a miséria na humanidade e gastos altíssimos de verba pública em projetos afirmando "assunto não falta pra fazer arte". De fato assunto não falta, o que falta é iniciativa pra se falar de coisas que tenham um fim social. Nada contra quem quer falar da translucidez da luz, mas em épocas de apagão isso parece meio sem sentido.



PROFISSÃO LADRÃO

Deram parte ao delegado
Que eu era filho vadio
Semana que eu não trabalhava
Sustentava mulher com cinco fio

O delegado me intimou
Pr'eu ir na delegacia
Fui prestar depoimento
Daquilo que eu não sabia

Mas eu tenho tanta profissão
Que eu já nem sei contar
Inventor, industrial, até cirurgião

Em muita gente que não presta fiz
intervenção
Vou lhe contar

Que no fabrico de boneco sou industrial
Mas vosmicê guarde segredo pela caridade
Pois eu atendo a domicílio na sociedade
E como inventor me orgulho porque eu
Já honrei a memória de Santos Dumont
Inventei um maquinário
Ainda lá na minha terra
Fabricava mil cruzeiros
Mais bem-feitos que os da Inglaterra

Sei que quem rouba um, é moleque
Aos dez, promovido a ladrão
Se rouba 100, já passou de doutor
E 10 mil, é figura nacional
E se rouba 80 milhões...
É a diplomacia internacional
A "Boa Vizinhança" e outras tranças

É que na profissão de ladrão
Injustiça e preconceito
Dá chuva pra inundação
Para alguns fama e respeito
Pra outros a maldição
Pois o tamanho do roubo
Faz a honra do ladrão

E é por isso que eu só vou para o xadrez
Seu delegado
Se o senhor trouxer primeiro
Toda a classe para o meu lado
Mas neste dia de aflição
Não vai ter prisão no mundo
Pra caber a multidão

Eu sei que não sou delicado
Mas quem se deu por ferido
Foi porque tem seu pecado

Letra de música do primeiro disco de Tom Zé, de 1968, relançado recentemente em CD pela Sony Music. A depender do governo FHC, ela não é só atual, mas eterna!

Estas são algumas indicações de leituras que tem servido de base para nossas discussões acerca da cultura. Para quem quer iniciar estudos sobre a questão da arte, toda a Coleção Primeiros Passos voltados para o assunto são muito bons, mas indicamos especialmente estes:

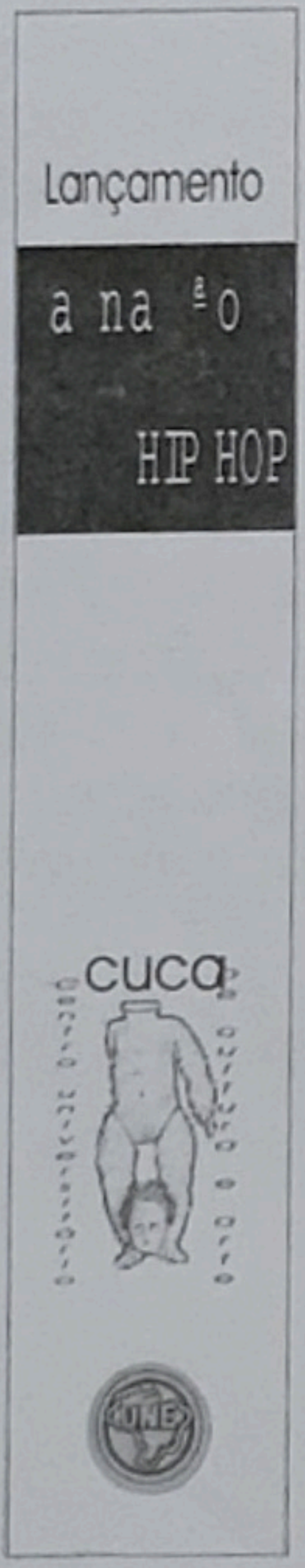
O QUE É INDÚSTRIA CULTURAL, de Teixeira Coelho
A Indústria Cultural é um tema imprecindível para quem quiser falar em cultura nos nossos tempos. O livro faz um apanhado geral dos inúmeros discurssos sobre o tema, desde a escola de Frankfurt até a atualidade.

O QUE É AÇÃO CULTURAL, também de Teixeira Coelho
O livro esclarece caminhos para quem quer ter uma atuação na área de cultura, tomando o cuidado de apontar tendências muito vivas mas que pecam pelos erros de concepção. Teixeira Coelho é professor da ECA/USP e um dos nomes mais respeitados no Brasil na área de Política Cultural.

O QUE É ARTE, de Jorge Coli
Quem esperar respostas objetivas vai se decepcionar. O autor percorre as diversas visões sobre o tema ao longo da História, mostrando que a compreensão sobre a arte muda de acordo com o tempo e com as sociedades. Coli é professor da Unicamp.

Todos os livros da Coleção Primeiros Passos são da Editora Brasiliense

Sobre a ligação entre o Movimento Estudantil a e Arte e a Cultura, indicamos o excelente
CPC DA UNE, UMA HISTÓRIA DE PAIXÃO E CONSCIÊNCIA, da jornalista Jalusa Barcellos.
O livro é um velho conhecido do M.E., já que várias entidades estudantis ajudaram no seu lançamento em 1994. Uma coletânea de entrevistas feitas pela própria autora com vários artistas e intelectuais que participaram da experiência de 1962. É o livro que mais tem nos ajudado a compreender a relação do CUCA com a UNE. Infelizmente, as nossas últimas informações são de que a única edição já está esgotada. Seria uma ótima idéia o seu relançamento. A editora é a Nova Fronteira.



A NAÇÃO HIP-HOP NO TEATRO DE ARENA

No último dia 02 de junho, o CUCA e os grupos teatrais Cia. São Jorga de Variedades, Núcleo Bartolomeu, Isla Madrasta e Bonecos Urbanos, que comandam o projeto de ocupação do Teatro de Arena, em São Paulo, iniciaram uma parceria que promete diversificar e agitar o centro da capital paulista.

O evento que ocorreu no histórico Teatro de Arena (que na década de 50/60 deu o pontapé inicial para a fase de maior politização do teatro brasileiro), lançou o livro " A Nação Hip-Hop", de Paulo Shetara, editado pelo CUCA, , que faz um panorama do movimento no Brasil. Foi lançado com a apresentação de três peças: "Deuses do Olimpo", " O Novo Inquilino" e "Bartolomeu, Que Será Que Nele Deu?". Esta última, que contém elementos do Hip-Hop, representou a diversidade do evento que reuniu Hip-Hop, teatro, e movimento estudantil. Pra completar, o público pode presenciar uma "canja" antológica de Gog e Nelson Triunfo durante a apresentação.

EXVS
Experiência Vigilância Sanitária

Escultura social
Intervenção feita em 23 de maio em Goiânia

manifesto
experiência:vs

vs
visa
vigilânciasanitária

Priscila Lolata

Os "desenhistas" de Lascoux e Altamira, procuravam o melhor lugar nas paredes para representarem seus não se sabe o que, o que há são suposições.
O fato é que adaptavam o desenho ao relevo da parede para que melhor fosse representado o bizão ou o veado.
EXVS também basea-se neste princípio. Procuramos o melhor lugar no saco de lixo para que melhor fique representado o que queremos mostrar. E se os homens de Lascoux ou Altamira representavam o que almejavam caçar, nos assemelhamos a eles quando o que escrevemos é o que deve ser caçado.
Se o lugar escolhido por eles era as paredes, seja lá por qual motivo, nosso suporte é o lixo pois, ele é a representação daquilo que associamos a ele quando escrevemos uma sigla. Uma em cada saco.
O lixo é na verdade aquilo que em determinado momento nos seduziu, quando o vimos no supermercado, na TV, na rua. Mas tudo vira lixo e o que nos seduziu passa a ser repugnante e então encobrimos em sacos e jogamos fora. É assim com as siglas, um dia elas seduziram a maioria e tornou-se poder.
Entretanto, rapidamente viu-se que era lixo, mas o poder nega sua categoria de lixo e não se deixa jogar fora. para alguns lixos dá-se o direito de reciclagem, outros o ensineramento para que não contaminem a natureza. O lixo/poder é um poluente nocivo à natureza humana e é necessário que, como o homem de Lascoux e Altamira, não tenhamos medo do tamanho do oponente.
A caçada começou.

Luís Parras

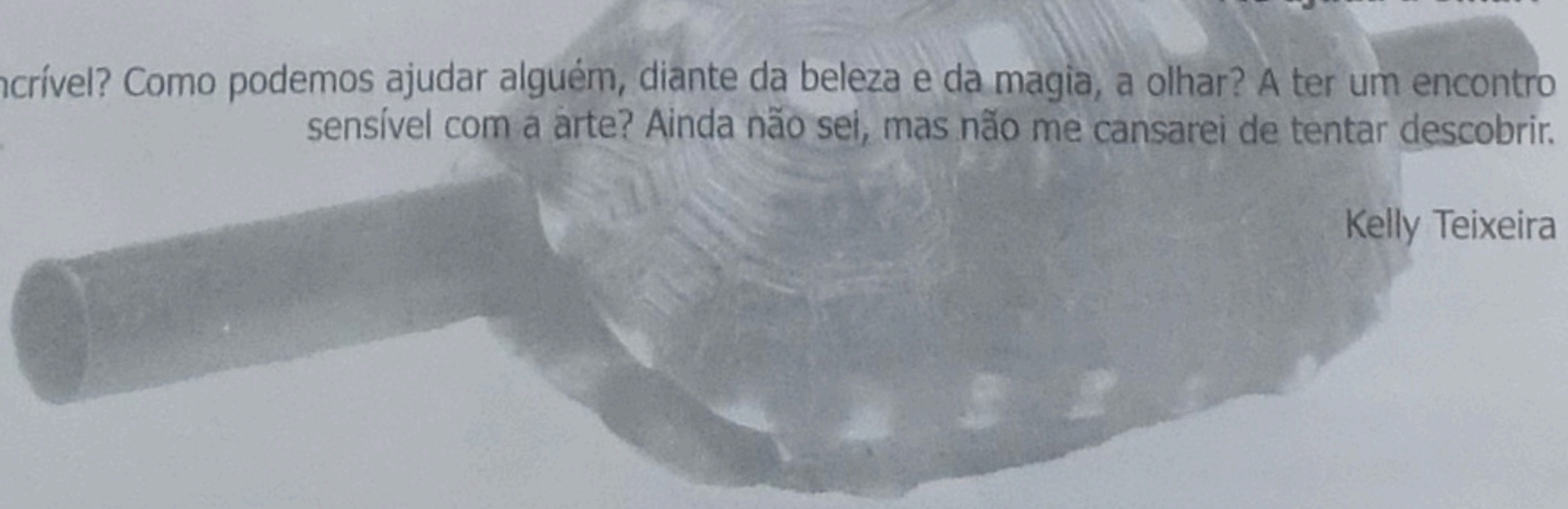
Não entendi...

Diante de questões ligadas à discussão da aceitação ou recusa da arte-contemporânea e o trabalho com arte-educação, proponho algumas reflexões a partir do discurso de alguns importantes pensadores.

"A obra de arte não precisa de bula, se precisar é porque é ruim" -Mira Schendel - artista
"O artista não precisa passar nenhuma mensagem, aliás quem passa mensagem é carteiro" - Pedro Maciel
"Não existe 'ensinar arte', existe estar no meio de ambientes de arte, onde se fala de arte, onde se vê arte" - Nelson Leirner
"'Não entendi' essa expressão é de ordem inteligível. Estamos imersos entre arte e palavra. Queremos sempre entender a obra e não nos entregamos ao sentir, não entregamos o olhar à forma visual" - Fernando Cocchiarale crítico
"A obra de arte em si sempre será mais complexa do que o discurso. Por que por melhor que eu escreva, será sempre apenas UMA interpretação, UM ponto de vista dentre VÁRIAS possibilidades" - Fernando Cocchiarale crítico
"Mais do que discutir o 'saber' em arte, temos que discutir o 'sabor' em arte" - Ana Maria Netto Nogueira - arte educadora

Diante dessas e outras questões, me vi perdida sem saber que direção tomar. Me pergunto: "ao mesmo tempo que a arte não deve ter um discurso literário, uma bula, pois assim perderia seu caráter de linguagem auto-suficiente, com características próprias de forma, cor, espaço, etc, como é que fica a fruição de uma pessoa que não teve acesso a obras de arte ao longo de sua vida? Sua interpretação é pessoal, a partir de um repertório pré-existente, mesmo que ele seja "pobre". Mas aí é que tá! Quem disse que essa pessoa tem um repertório pobre? Quem julga isso? O arte-educador, o mediador tem o direito de lhe indicar direções, interpretações? Qual é então a linha que separa um possível caráter dogmático do ensino de arte de uma formação do olhar livre de influências? A arte também é conhecimento, também tem caráter documental, histórico. Como faremos para não deixar que uma pessoa - usando uma gíria adolescente atual, mas que exemplifica essa situação - "viaje na maionese"? Podemos deixar as interpretações realmente livres? Mas se adotamos referenciais, estes não serão de quem os estabelece?
Essa questão se agrava quando tratamos de arte contemporânea. Diferente do passado onde a arte teria um caráter, digamos, mais didático, talvez mais fácil de entender. Apesar de sempre causarem repulsa em sua própria época. Sendo assim me pergunto novamente: "se isso sempre aconteceu na história da arte, será que devo me conformar com essa dificuldade de assumir nossa arte contemporânea e esperar que isso aconteça no futuro?". Mas e eu, arte-educadora, faço o que até lá? Trabalho com meus alunos somente aquilo que a humanidade já entendeu e interpretou, dar tudo mastigado e completamente inteligível para eles? Não me agrada a idéia. Mas assumo que é uma missão difícil. De sair fumacinha dos cérebros mais afiados.
Sei que ainda sou uma mera aprendiz, em quem sabe, essas minhas dúvidas sejam apenas falta de estudo e experiência. Mas justamente por querer saná-las é que expus essas minhas reflexões feitas no travesseiro antes de dormir. E gostaria de discutir mais sobre isso.
Pra terminar gostaria de colocar algo que me chamou muito atenção em um curso que fiz com a arte-educadora Mirian Celeste Martins, em que ela cita Eduardo Galeno no texto:

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadlof, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fugor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente consegui falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
- Me ajuda a olhar!"

Não é incrível? Como podemos ajudar alguém, diante da beleza e da magia, a olhar? A ter um encontro sensível com a arte? Ainda não sei, mas não me cansarei de tentar descobrir.

Kelly Teixeira